

Acerca do processo de neolitização no actual território português: modelos em debate¹

Mariana Diniz
Faculdade de Letras de Lisboa

Pretende-se com este texto apresentar um modelo de neolitização para o actual território português que, integrando componentes das leituras difusionista e indigenista, procura discutir os diferentes papéis desempenhados por “colonos” e “indígenas” ao longo deste processo.

Este modelo de neolitização por *Fusão Diferencial* foi criado como uma proposta alternativa aos modelos disponíveis na bibliografia arqueológica que não explanam a totalidade das características da evidência empírica, e construído a partir da reflexão suscitada pelos dados recolhidos no povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora, onde a presença, sobre uma matriz cultural neolítica, de elementos de tradição mesolítica, apontava para uma miscigenação de realidades indígenas e exógenas na constituição deste sistema cultural.

Do ponto de vista dos mecanismos sociais subjacentes à neolitização dos territórios do Extremo Ocidente Peninsular, o sítio da Valada do Mato parece ser o resultado de modalidades de interacção cultural que têm sido menos invocadas para explicar este processo.

As leituras tradicionais quando abordam momentos de Contacto tendem a pressupor que os esquemas de contaminação cultural partem, por norma, de grupos tecnologicamente mais sofisticados, no caso específico – os grupos neolíticos, para comunidades tecnologicamente mais simples – as comunidades mesolíticas.

No entanto, dada a ausência nos contextos mesolíticos do Sul de Portugal de traços de um processo de neolitização em marcha, esta modalidade não parece ter funcionado enquanto fórmula preferencial de aculturação.

Se os fenómenos de aculturação activa não estão claramente documentados no registo arqueográfico (o que constituiria um interessante caso de estudo para a *agency archaeology* que agora não cabe desenvolver), dada a prolongada indiferença dos grupos de caçadores-recolectores face às inovações então disponíveis, detectam-se entre os grupos neolíticos, e ainda que com diferentes intensidades, componentes artefactuais próprios dos sistemas mesolíticos.

¹ Este texto constitui, no essencial, uma versão sintetizada do modelo de neolitização apresentado em “O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior Sul de Portugal” (Diniz, 2004), tese de doutoramento da autora de que se prepara publicação. *A leitura deste artigo não dispensa a consulta do texto integral...*

As rotas de aculturação podem ter assumido múltiplas direcções, e a integração de elementos mesolíticos em sistemas neolíticos parece ter dado um importante contributo para a construção das paisagens multiculturais que caracterizam a primeira fase do Neolítico, no actual território português.

1. Os dados do problema: o povoado neolítico da Valada do Mato (Évora)

Quando, em 1995, se iniciaram as intervenções de terreno no povoado da Valada do Mato a base de dados disponível relativamente a contextos habitacionais do Neolítico antigo era, constringedoramente, exígua o que, desde logo, explicava a ausência de paralelos para as diferentes realidades identificadas no sítio.

Ao contrário de parte substantiva dos contextos então já escavados, quase sempre classificados como lugares de residência temporária, na Valada do Mato estavam conservados vestígios de uma ocupação permanente de uma comunidade do Neolítico antigo.

O povoado, implantado sobre um substrato granítico, está conservado em duas plataformas de um interflúvio, que perfazem aproximadamente um ha, a partir do qual se possui um amplo controle de paisagem para Sul e para Este, mas nenhum domínio visual para Norte e para Oeste.

Neste sítio, datado dos finais do 6.º / primeiro quartel do 5.º milénios cal BC (Diniz, 2001), os critérios de implantação espacial, as modalidades de organização interna do habitat, os escassos indicadores paleo-económicos e a quase totalidade dos elementos da cultura material correspondem a um sistema neolítico perfeitamente definido e sem raízes na região.

Neste sítio, a ocupação continuada de terras de interior e a exploração de ecossistemas marcadamente continentais, dispensando a segurança dos recursos aquáticos (Diniz, 2000), constituem um indicador da utilização de biótipos neolíticos, directamente atestados no sítio através da presença de restos de *Ovis/Capra*, e reforçam a possibilidade de uma prática agrícola rudimentar, indirectamente documentada pela existência de “brilho de cereal” em alguns elementos de foíce (Gibaja et al., 2002), e pela presença de macro-utensilagem de pedra polida e pedra afeiçãoada conectada com este ciclo produtivo.

A organização interna do espaço habitacional confirma a tipologia funcional proposta para esta ocupação. Numa área escavada de aproximadamente 100m², a complexidade e a diversidade de estruturas de habitat identificadas até ao momento (uma fossa aberta no granito de base, um pequeno empedrado sub-circular, uma estrutura de combustão complexa, uma sapata de em pedra de uma estrutura oval), e o emprego sistemático de blocos de granito, alguns dos quais de dimensões consideráveis, como material

de construção reflectem um investimento compatível com uma prolongada permanência neste lugar.

Ao nível artefactual, a abundância, mas sobretudo a diversidade tipológica dos elementos da cultura material traduz a multiplicidade das actividades realizadas no espaço doméstico. Os recipientes cerâmicos, que apresentam grande diversidade de morfometrias, não são neste sítio um epifenómeno, como em alguns outros contextos datados da mesma fase, mas constituem parte estruturante do pacote material.

A cerâmica cardial, presente no sítio, é pouco significativa, e as principais gramáticas decorativas consistem em bandas de impressões em torno da abertura do recipiente ou em séries de linhas incisivas / caneluras paralelas ao bordo.

A ocupação da Valada do Mato possui, no entanto, e sobre esta matriz cultural onde se detectam múltiplos planos de ruptura com os sistemas mesolíticos, alguns elementos próprios dos grupos de caçadores-recolectores que ocupavam o litoral / Sul de Portugal.

A indústria de pedra lascada recuperada no sítio apresenta uma combinatória de características neolíticas (Carvalho, 1998a), como seja a sistemática utilização do sílex de origem supra-regional, o emprego de tratamento térmico, a debitação por pressão, a tipologia da utensilagem, e de tradições mesolíticas, nomeadamente a fracturação sistemática de suportes alongados para produção de micrólitos geométricos, maioritariamente segmentos, através da técnica do micro-buril.

A presença destes restos de talhe funciona enquanto elemento de diagnose cultural, uma vez que a técnica do micro-buril não integra o património tecnológico dos primeiros grupos neolíticos do Mediterrâneo ocidental e do Sul da Europa atlântica.

Na Valada do Mato, a frequência de micro-buris, alguns dos quais com sinais de tratamento térmico, no seio de uma indústria de pedra lascada de contornos neolíticos, reflecte a existência de fenómenos de miscigenação cultural subjacentes à criação de realidades como a aqui detectada.

Os dados de terreno apontam, portanto, para a existência no Interior/Sul do território, nos inícios do 5.º milénio cal BC, de uma *população miscigenada* cujo sistema cultural é formado por componentes *exógenos* e por componentes *indígenas*.

2. Os dados do problema: o contexto cultural

Contrastando os dados da Valada do Mato com os provenientes de sítios contemporâneos no Sul do actual território português ressalta de imediato a diversidade de situações, ou de soluções históricas, que estão documentadas no registo arqueológico disponível para os finais do 6.º / primeiro quartel do 5.º milénios cal BC.

A cerca de 40 km da Valada do Mato, e numa paisagem desprovida de importantes acidentes geográficos, localiza-se o concheiro sadino das Amoreiras.

As datas disponíveis para esta ocupação, obtidas respectivamente sobre conchas, Q-Am85B2b: 6370 ± 70 BP, e sobre carvão, Q-Am85B2a: 5990 ± 75 BP (Arnaud, 2000), quando calibradas a 2 σ , e corrigida a primeira do efeito de reservatório oceânico (Soares, A. M., 1993), são estatisticamente idênticas à data proveniente da Valada do Mato, Beta-153914: 6030 ± 50 BP, e demonstram a contemporaneidade entre estes dois sistemas culturais diferenciados.

Apesar de ainda se não encontrar exaustivamente publicada a informação recolhida no concheiro das Amoreiras a evidência disponível reflecte sobretudo linhas de continuidade cultural face aos sistemas mesolíticos tradicionais, configurando um cenário cultural inverso ao detectado na Valada do Mato.

O concheiro implanta-se numa área ocupada por caçadores-recolectores desde finais do 7.º / inícios do 6.º milénios cal BC, e os dados apontam para a manutenção de uma economia de amplo espectro assente na caça-pesca-recollecção, com uma importante componente de recursos aquáticos. De acordo com a informação disponível, não existem quaisquer indicadores de produção e a fauna consumida, no sítio, é exclusivamente selvagem.

No campo artefactual, a indústria de pedra lascada utiliza fundamentalmente matérias primas localmente disponíveis, os segmentos dominam a utensilagem geométrica e está documentada a técnica do micro-buril. A presença de raros fragmentos cerâmicos, alguns dos quais apresentando decoração cardial, está atestada nos níveis de formação do concheiro (Arnaud, 1987; 2000), mas cabe questionar a efectiva utilidade destes contentores no âmbito das actividades quotidianas.

É várias vezes referida a escassez destes recipientes no sítio, o que faz supor que os materiais cerâmicos detêm, neste concheiro, um significado culturalmente distinto daquele que possuem em contextos neolíticos – tipo Valada do Mato – onde desempenham um papel central ao nível das actividades domésticas relacionadas com o armazenamento, processamento e consumo de produtos alimentares.

No concheiro das Amoreiras são evidentes as linhas de continuidade histórica com sistemas plenamente mesolíticos e os sinais de abertura a estímulos e influências externas pouco expressivos.

Se é possível desde já identificar no registo arqueológico duas realidades socialmente distintas, “grupos neolíticos” *versus* “grupos mesolíticos”, os dados que possuímos para a transição do 6.º para o 5.º milénios cal BC demonstram uma diversidade que não se esgota nesta dicotomia, e entre os “grupos neolíticos” detectam-se também elementos de diferenciação cultural.

Analisando a informação proveniente do sítio de S. Pedro de Canaferrim, habitat

datado dos finais do 6.º / primeiro quartel do 5.º milénios cal BC (Simões, 1999; 2003), contemporâneo portanto, à escala de resolução do C14, do povoado da Valada do Mato e do concheiro das Amoreiras, deparamo-nos com um outro cenário cultural, distinto dos atrás referidos.

A ocupação de S. Pedro de Canaferrim inscreve-se, como a da Valada do Mato, no que pode ser designado como “movimento de colonização dos granitos”, que decorre em finais do 6.º milénio cal BC, e que se caracteriza pela implantação de sítios residenciais em substratos graníticos, ocupando lugares altos, de topografia acidentada e com controle selectivo das paisagens envolventes.

Neste sítio da Serra de Sintra, a presença de inúmeras estruturas negativas sugere a importância das práticas de armazenamento no lugar, ainda que não tenham sido recuperados vestígios directos da produção de alimentos.

Se a acidez dos solos graníticos sobre os quais se implanta este habitat compromete a recolha de matéria orgânica, que possibilite uma reconstituição dos esquemas de obtenção de recursos, a análise de indicadores indirectos, como sejam os elementos da cultura material, as estruturas identificadas, as potencialidades da área imediata de captação de recursos, sugere o desenvolvimento a partir do sítio de uma economia mista, que combina actividades produtivas e predatórias.

Sendo possível identificar paralelismos, ao nível da modalidade de implantação espacial e das estratégias paleo-económicas, com o sítio da Valada do Mato, no campo da cultura material parece detectar-se um conjunto de diferenças, ou de *regionalismos* culturalmente significativos, sobretudo no que toca aos sistemas decorativos dos recipientes cerâmicos e a algumas técnicas de produção de utensilagem lítica.

No sítio estremenho, os vasos cerâmicos são, como na Valada do Mato, maioritariamente decorados através da técnica da impressão, no entanto as gramáticas decorativas diferenciam-se ao nível dos padrões e motivos realizados.

Em S. Pedro de Canaferrim, o conjunto cerâmico é dominado pelos motivos em *espiga*, designação que vantajosamente substitui a de *falsa folha de acácia*, e por faixas paralelas ao bordo preenchidas por curtas incisões ou impressões. As impressões cardiais não estão documentadas, e ao nível dos elementos de preensão e suspensão destacam-se as asas bífidas.

A presença destes padrões decorativos, que em outros contextos estremenhos, nomeadamente em Bocas I (Gonçalves et al., 1987; Carreira, 1994), parece uma norma cultural, é na Valada do Mato quantitativamente quase insignificante face às gramáticas dominantes no povoado alentejano.

No campo da pedra lascada, são evidentes as afinidades entre o material proveniente da Valada do Mato e o de S. Pedro. Neste sítio, o sílex constitui também a matéria-prima preferencialmente debitada, está documentado o uso de tratamento térmico e os

segmentos dominam a utensilagem geométrica. No entanto, ao contrário do verificado na Valada do Mato, não está documentada a técnica do micro-buril.

Em suma

Este breve inventário de semelhanças e diferenças, que padece das enfermidades próprias do discurso arqueológico, assume-se sobretudo como uma possibilidade interpretativa que a investigação futura poderá, ou não, confirmar.

Em primeiro lugar, a aparente contemporaneidade destes contextos pode ser consequência do grau de resolução do C14, bem como de outras contingências metodológicas associadas às datas actualmente existentes. O número de datações absolutas disponível para estes contextos é muito reduzido e as datas provêm de amostras que não possuem significado cultural específico, e nem sempre de vida curta, como seja carvão de espécies indeterminadas.

A diversidade detectada no registo, e plasmada numa sincronia ampla, pode estar conectada com episódios ocorridos em diferentes momentos no Tempo, mas cuja real diacronia nos escapa.

Ao mesmo tempo, o efectivo significado das *diferenças estilísticas* no campo da cultura material constitui, no discurso arqueológico, tema controverso. Sendo uma questão enfatizada nas perspectivas pós-modernas que, recuperando com nova linguagem velhos postulados histórico-culturalistas, consideram a materialidade um veículo de afirmação da personalidade de grupo, é numa lógica estritamente processual uma questão secundária porque desempenha um papel menor nas estratégias adaptativas das comunidades.

No entanto, se considero que a identificação de *diferenças* constitui uma eficaz ferramenta analítica, porque o *modo de fazer* não me parece no plano da história social uma questão periférica, esta leitura exige conjuntos numericamente expressivos, onde possam ser detectados, e quantificadas, padrões recorrentes e temas marginais.

Neste sentido, e porque as gramáticas decorativas dos recipientes cerâmicos, como sempre reconheceram os arqueólogos, não estão, ao contrário das formas e dimensões destes contentores, associadas à função que estes desempenham, o seu papel remete para outras esferas de significado, que pode ser classificado como eminentemente *cultural*, conectado com a identidade do grupo.

Assumidas as necessárias reservas à leitura proposta, mas observando os dados hoje disponíveis parece evidente o *mosaico cultural* que caracteriza a paisagem social de finais do 6.º / primeira metade do 5.º milénio cal BC.

A diversidade detectada no registo, que não se esgota nos casos atrás referidos, deve em parte substantiva ser o resultado da complexidade dos processos de neolitização que se desenrolaram sobre o ocidente peninsular, e partindo desta constatação importa

agora averiguar como é explicado este mosaico nos principais modelos já construídos para o actual território português.

3. Os dados do problema: os modelos explicativos

3.1. O modelo indigenista

Perante o registo analisa-se, em primeiro lugar, o modo como pode este ser explicado em função de um modelo de tipo capilar ou percolativo. Este é, necessariamente, o modelo mais económico porque utiliza apenas enquanto agentes da História as populações indígenas, amplamente documentadas no litoral / Sul de Portugal, e como mecanismo de mudança a circulação de informação através das redes de contacto desenvolvidas pelos grupos mesolíticos no âmbito de práticas exogâmicas.

A mobilidade longa e os territórios de intercâmbio social destes caçadores-recolectores têm sido questões menos abordadas no discurso arqueológico, desde que a implementação de uma agenda processual de abordagem ao Passado privilegiou a observação das estratégias adaptativas de uma comunidade ao meio ambiente envolvente, encerrando o grupo em territórios imediatos de captação de recursos.

No entanto, o domínio da navegação e as semelhanças detectadas entre os concheiros, sobretudo do vale do Tejo, e outros contextos mesolíticos da Europa atlântica podem traduzir uma dinâmica de contactos sociais superior à, por regra, admitida.

Mas se, à partida, estavam presentes as duas variáveis necessárias ao funcionamento de um modelo de tipo percolativo: populações indígenas + redes de contacto; o resultado final da equação não foi o esperado.

A análise da evidência empírica demonstra, como têm referido outros autores (Zilhão, 1998), uma quase total ausência de elementos de neolitização nos sítios mesolíticos ocupados na segunda metade do 6.º milénio cal BC.

As comunidades indígenas, que partilham no Sul do actual território português o Tempo e o Espaço com grupos neolíticos, não parecem ter adoptado qualquer das múltiplas inovações do pacote neolítico, então presentes no território.

No Sul de Portugal, a manutenção dos esquemas de caça-pesca-recollecção, num período em que estavam disponíveis outras modalidades de obtenção de recursos alimentares, senão a agricultura pelo menos a pastorícia, põe em causa um suposto momento de desequilíbrio ecológico-demográfico que nas propostas de J. Soares (1996, 1997) e C. Tavares da Silva (Soares e Silva, 2003), constitui a motivação para a mudança e para os inícios da neolitização.

A presença de fauna exclusivamente selvagem nos concheiros mais tardios do vale do Sado, como o do Cabeço do Pez e das Amoreiras, e nas ocupações mais recentes dos

concheiros de Vidigal e Fiais, na Costa Sudoeste, parece, ao contrário, reflectir a adequação e o equilíbrio entre as populações, os recursos, e as estratégias mesolíticas de exploração do meio.

Não se detectam, portanto, a partir dos subsistemas paleo-económicos sinais de uma adesão abrupta, ou faseada, ao processo de neolitização.

A presença, tardia, de alguns fragmentos cerâmicos em contextos culturalmente mesolíticos, como o concheiro das Amoreiras, reflecte a porosidade das fronteiras entre caçadores-recolectores e produtores de alimentos, mas não é suficiente para sustentar um modelo de tipo percolativo, ou de osmose cultural.

A posição que neste debate ocupa o sítio de Vale Pincel I, e o efectivo estatuto histórico desta estação, justifica uma breve análise da informação proveniente deste povoado.

Para C. Tavares da Silva e J. Soares, os arqueólogos que em diferentes momentos conduziram escavações no sítio, Vale Pincel I teria sido um povoado ocupado por grupos do Neolítico antigo pleno, com raízes nas populações mesolíticas locais. A continuidade que detectam ao nível da estratégia de implantação espacial do habitat, no campo da indústria de pedra lascada e nas práticas paleo-económicas leva-os a considerar este Neolítico como o resultado das dinâmicas internas dos grupos autóctones de caçadores-recolectores que absorvem as inovações culturais disponíveis na bacia do Mediterrâneo (Soares e Silva, 2003).

Para J. Zilhão, o estatuto histórico atribuído a Vale Pincel I, por C. Tavares da Silva e Soares, decorre de um equívoco tafonómico. Segundo este arqueólogo, Vale Pincel I teria sido ocupado durante o Mesolítico final da região, em função das datações absolutas disponíveis para o sítio, que colocam esta ocupação entre 5660 e 5330 cal BC, no Neolítico antigo epicardial, de acordo com a tipologia dos materiais cerâmicos deste povoado, onde escasseia a cerâmica cardial, e no Neolítico médio, atendendo à presença de recipientes decorados com sulco abaixo do bordo que, segundo a datação absoluta proveniente do Abrigo da Pena d'Água, estão datados de 4500 a 3500 cal BC (Zilhão, 1998).

Os processos erosivos que afectaram o sítio teriam dado origem a este *contexto histórico aparente*, onde se mesclam vestígios materiais provenientes de ocupações temporalmente distanciadas.

Independentemente dos processos pós-deposicionais que afectaram o sítio, e da baixa densidade artefactual que é dificilmente compatível com um lugar de base, a publicação dos contextos de proveniência das amostras datadas (Soares e Silva, 2003), recolhidas no interior de duas lareiras associadas a cerâmicas impressas e a escasso material lítico, permite re-equacionar o lugar desta ocupação no processo de neolitização do Sul de Portugal.

A tipologia das lareiras não é, por si só, um argumento conclusivo quanto à filiação cultural desta estação. Se estão registadas estruturas de combustão idênticas às de Vale

Pincel I no sítio mesolítico de Vale Marim, aslareiras em *cuvette*, preenchidas por seixos de quartzito estão igualmente documentadas em povoados do Neolítico antigo, nomeadamente no sítio cardial de Baratin (Vaucluse) (Sénépart, 2000).

Acrescente-se ainda que as datas existentes para a ocupação de Vale Pincel I são genericamente idênticas às datações absolutas provenientes dos sítios neolíticos da Cabranosa (Cardoso et al., 1998), e do Padrão (Gomes, 1994), cuja fiabilidade histórica e coerência estratigráfica nunca foram postas em causa.

Em meados do 6.º milénio cal BC, os grupos neolíticos, presentes no Barlavento Algarvio e ainda que em momentos um pouco mais tardios na Estremadura, podem ter funcionado como focos de contaminação cultural das populações indígenas que não têm, como acontece em Vale Pincel I, que apresentar uma *personalidade cardial*.

Aguarda-se, no entanto e com justificada expectativa, a publicação da monografia sobre as recentes escavações realizadas no sítio, que poderá esclarecer muitas das questões em aberto.

Se em torno de Vale Pincel I o debate não está ainda encerrado, a leitura global da informação disponível relativamente aos caçadores-recolectores do Mesolítico final do Sul do actual território português, que traduz uma evidente marginalidade das comunidades indígenas perante o processo revolucionário em curso, não me parece compatível com um processo de neolitização primordialmente assente em mecanismos de osmose cultural, e devem portanto procurar-se outros personagens envolvidos na História.

3.2. O modelo difusionista

No discurso arqueológico ocidental, depois de superada uma etapa de condenação metodológica e política dos modelos de cariz difusionista, imediatamente conectados com presentes e passados coloniais que a Europa queria ultrapassar, a Difusão retoma, a partir dos anos 80 e sobretudo na década de 90, um papel activo na interpretação dos fenómenos de neolitização, entendida enquanto mecanismo subjacente à mudança cultural.

Ao contrário dos antigos histórico-culturalistas sustentados em infundáveis paralelismos tipológicos, os novos difusionistas possuem uma outra bateria de argumentos e reconstituem movimentações a partir do número crescente, e da maior precisão, das datações absolutas, dos dados da genética e da ampliação substantiva da evidência empírica.

Ao clássico modelo de difusão démica construído por Ammerman e Cavalli-Sforza (1973) foram efectuadas correcções ao nível da velocidade da expansão dos sistemas neolíticos sobre o espaço europeu, acrescentados outros processos de deslocação, designadamente por via marítima (Zilhão, 1997, 2001), e admitidas, para além dos condicionamentos ecológico-demográficos, outras causas de natureza social e mental, responsáveis pela contínua deslocação dos grupos neolíticos (Bogucki, 2000, p. 214; Zilhão, 2000, p. 172).

No registo arqueológico da margem Norte do Mediterrâneo Central e Ocidental os dados parecem confirmar o modelo. A um conjunto significativo de sítios, nomeadamente às paradigmáticas estações do País Valenciano, de Cova de l'Or, Cova de Sarsa e Cova de Cendres, ao mais recentemente escavado povoado catalão de La Draga, ao também submerso povoado italiano de La Marmotta (Kunzig, 2002), tem sido atribuído o estatuto de “colónia cardial”.

Outras ocupações, como as detectadas em Pont de Roque-Haute e Peiro Signado (Guilaine, 2000; Manen, 2002), são também classificados como colónias, adscritas a círculos culturais não cardiais.

No entanto, para ocidente do Estreito de Gibraltar, a movimentação démica não é, observando o registo arqueológico, tão evidente.

O modelo difusionista tem sido, em diferentes ocasiões, defendido por J. Zilhão (1992, 1993, 1997, 2000, 2001), que concebe um processo de neolitização decorrente de uma colonização pioneira por via marítima, operado por comunidades que transportariam na íntegra o pacote neolítico, insistindo na contemporaneidade entre os contextos cardiais do Levante espanhol e os sítios neolíticos da Costa Algarvia e da Estremadura, bem como nas afinidades tipológicas entre as cerâmicas cardiais provenientes dos sítios mediterrâneos e dos sítios atlânticos.

Estes grupos de pioneiros teriam estabelecido enclaves em territórios, cuja exacata geometria pode ser discutida, mas não ocupados por comunidades de caçadores-recolectores, a partir dos quais se teriam desenhados fronteiras, mais ou menos rígidas, e de longa duração entre sistemas culturalmente distintos (Zilhão in Carvalho, 2003).

No entanto, algumas diferenças substantivas existentes no campo da cultura material entre os admitidos pontos de partida e os pontos de chegada não têm, no quadro desta leitura, sido discutidas.

As disparidades entre a fachada mediterrânea e a costa atlântica da Península Ibérica detectam-se em duas componentes fundamentais destes sistemas neolíticos, nomeadamente ao nível das percentagens ocupadas pela decoração cardial no conjunto dos materiais cerâmicos, e no campo das indústrias de pedra lascada, na tipologia da componente geométrica.

3.2.1. A questão cardial

No Mediterrâneo ocidental, apesar da antiguidade da presença de grupos neolíticos culturalmente conectados com a região adriática como os identificados no abrigo Pendimoun (Binder et al., 1993) em Pont de Roque-Haute ou em Peiro Signado, a efectiva neolitização desta área tem sido entendida como um processo levado a cabo por grupos que se caracterizam, ao nível dos materiais cerâmicos, pela frequência, ou domínio, dos recipientes decorados com concha de *Cerastoderma edule*.

Nos sítios-padrão, a cerâmica cardial atinge percentagens que oscilam entre os 30% e os 60% do conjunto (Bernabeu Aubán, 1989, p. 114; 2002, p. 217 e p. 223; Manen, 2002, p. 133). No actual território português, a presença de cerâmica cardial deve ser, apesar de recorrentemente referida a sua escassez por diferentes autores (Guilaine e Ferreira, 1970; Gonçalves, 1978; Silva, 1989), quantificada.

Analisando a informação proveniente daqueles que se consideram, a partir de critérios tipológicos ou em função de datações absolutas, como os mais antigos contextos neolíticos obtêm-se os resultados expressos no Quadro 1.

QUADRO 1. Vasos e fragmentos cerâmicos em sítios do Neolítico Antigo (2.^a metade do 6.^o milénio cal BC)

		Número de fragmentos cerâmicos	Número de fragmentos com decoração cardial	Percentagem de cerâmica cardial	
Várzea e Vale do Lírio	Habitat ao ar livre	9	2	22%	Jorge, 1979
Junqueira	Habitat ao ar livre	30	7 (11)	23%	Jorge, 1979
Eira Pedrinha	Gruta-necrópole (?)	27	11 (?)	40%	Corrêa e Teixeira, 1949
Buraca Grande	Gruta-necrópole (?)	Raros fragmentos (5?)	2 (?)	40%	Aubry et al., 1997
Caldeirão NA2	Gruta-necrópole	37 fragmentos 3 vasos	11 fragmentos 1 vaso	33% dos vasos	Zilhão, 1992
Pena d'Água	Habitat em abrigo	Referidas 11 proveniências de cerâmicas; n.º de fragmentos não indicado	2 proveniências correspondem a impressões cardiais	18% das proveniências ?	Carvalho, 1998b
Almonda	Gruta-necrópole	Não quantificados	Referidos – não quantificados	?	Paço et al., 1947; Zilhão et al., 1991
Cabranosa	Habitat ao ar livre	10 vasos	2 vasos	20%	Cardoso et al., 1998; Carvalho e Cardoso, 2003

Em primeiro lugar, ressalta da observação do mesmo a muito pequena dimensão dos conjuntos cerâmicos da primeira fase do Neolítico antigo em Portugal, sobre os quais dificilmente podem ser aplicadas análises quantitativas.

No entanto, admitindo que estes valores traduzem a composição dos conjuntos originais, e pese o risco inerente a generalizações realizadas a partir de uma amostra tão reduzida, torna-se evidente que o peso da cerâmica cardial não é, nos contextos atlânticos, idêntico ao seu peso nos contextos mediterrâneos.

O Quadro 1 expressa ainda uma outra realidade, cujo significado social deve ser discutido. Os valores da cerâmica cardial efectivamente diminutos em contextos habitacionais, onde oscilam em torno dos 20%, tornam-se em contextos funerários mais expressivos, rondando os 40% de presenças.

A este dado de natureza *quantitativa* deve ainda acrescentar-se que “(...) lo paralelos señalados con Valencia para el material cerámico de Cabranosa, no me parecen concluyentes. Los estilos decorativos parecen alejados.” (Bernabeu Aubán in Carvalho, 2003, p. 97). Afirmação que podia estender-se ao pequeno conjunto de cerâmicas cardiais recuperadas nos sítios ao ar livre da Figueira da Foz.

As afinidades estilísticas com o mundo mediterrâneo detectam-se, mais uma vez, entre os materiais provenientes de contextos que se presumem funerários, como é o caso da Gruta do Almonda e das grutas de Eira Pedrinha, onde a presença de figuras antropomorfas impressas sobre recipientes cerâmicos apresenta paralelos, que não podem ser o resultado de fenómenos simples de convergência, com o círculo valenciano.

A confirmar-se esta dualidade, parece assistir-se, ao nível dos comportamentos quotidianos, a uma nítida diluição da *personalidade cardial*, que no entanto se conserva no universo dos rituais funerários.

3.2.2. As indústrias de pedra lascada

Também ao nível das indústrias de pedra lascada existem *diferenças* entre os conjuntos artefactuais dos grupos cardiais mediterrâneos e os conjuntos recuperados nos sítios neolíticos do actual território português.

A análise do Quadro 2 permite detectar, nos contextos estremenhos, e apesar das evidentes afinidades tecno-tipológicas entre os diferentes sistemas de talhe da pedra, alguns indicadores de continuidade com as tradições líticas mesolíticas locais, que não deviam estar documentadas nos conjuntos artefactuais de grupos exógenos.

Na região valenciana, a ruptura detectada entre as indústrias líticas epipaleolíticas e as do Neolítico antigo constitui um argumento decisivo na lógica do modelo dual e na afirmação do carácter “colonial” das ocupações cardiais (Juan-Cabanilles, 1984; 1985; 1990).

As diferenças existentes ao nível da componente geométrica, caracterizada pelo

QUADRO 2. Quadro comparativo das indústrias líticas (principais características)

Neolítico cardial da região Valenciana	Neolítico da Estremadura portuguesa	Neolítico do sítio da Cabranosa
(Juan-Cabanilles, 1984, 1985, 1990)	(Carvalho, 1998a)	(Cardoso et al., 1998; Carvalho, 2002)
Tecnologia básica: – sílex – suportes laminares	Tecnologia básica: – sílex – suportes lamelares	Tecnologia básica: – sílex – lascas
Tecnologia específica: – fragmentação por flexão – ausência de micro-burís – retoque marginal simples e retoque abrupto – retoque em duplo bisel – ausência da técnica de buril – tratamento térmico	Tecnologia específica: – fragmentação por flexão – ausência de micro-burís – retoque marginal simples e retoque abrupto – ausente o retoque em duplo bisel – ausência da técnica de buril – tratamento térmico	Tecnologia específica: – ? – ausência de micro-burís – retoque marginal simples e retoque abrupto – ausente o retoque em duplo bisel – ausência da técnica de buril – tratamento térmico
Tipologia: – Escassez de utensílios do fundo comum – Geométricos – forte componente trapezoidal – Aparecimento dos taladros – Importância da utilização não retocada	Tipologia: – Escassez de utensílios do fundo comum – Geométricos – presença quase exclusiva de segmentos – Aparecimento dos taladros – Importância da utilização não retocada	Tipologia: – Escassez de utensílios do fundo comum – Ausência de geométricos – Aparecimento dos taladros – ?
Funcionalidade: – Importância dos elementos de foice	Funcionalidade: – Importância dos elementos de foice	Funcionalidade: – Importância dos elementos de foice

domínio de trapézios em Or / Sarsa e de segmentos em Cocina III reflecte as diferentes filiações culturais destes grupos (Fortea et al., 1987).

No actual território português, com excepção dos materiais recuperados na Cabranosa que apresentam características distintas dos grupos cardiais levantinos, dos grupos neolíticos da Estremadura, mas também dos grupos mesolíticos do Sul de Portugal, a presença, nos mais antigos contextos neolíticos, de uma indústria com importante componente lamelar e onde os segmentos constituem a armadura geométrica dominante distancia estes conjuntos das indústrias cardiais clássicas, assentes numa tecnologia laminar e na produção de trapézios.

No Extremo Ocidente Peninsular, os utensílios de “(...) de talla tan cualitativo como el que constituyen los segmentos de retoque abrupto (...)” (Juan-Cabanilles e Martí

Oliver, 2002, p. 64), são comuns a grupos mesolíticos e neolíticos, a partir de meados do 6.º milénio cal BC.

Ainda que cronologicamente difícil de precisar, a origem cultural deste tipo específico de armadura geométrica tem sido, na Península Ibérica, atribuída aos grupos indígenas de caçadores-recolectores (Marchand, 2001; Fortea et al., 1987), e a sua integração nos conjuntos líticos do Neolítico antigo em Portugal contribui para o "(...) haut degré de métissage." (Marchand, 2001, p. 76), que estes exibem.

Se a indústria de pedra lascada dos primeiros contextos neolíticos em território português possui elementos com origem nos círculos culturais mediterrâneos, os conjuntos artefactuais manipulados pelos grupos atlânticos não são uma reprodução das realidades aí detectadas.

Como referiu G. Marchand, na análise das indústrias líticas "(...) les éléments communs Néolithique-Mésolithique apparaissent comme particulièrement développés au Portugal." (Marchand, 2001, p. 76).

Em suma

Estas *diferenças* são, no quadro de uma colonização pioneira por via marítima, difíceis de justificar, e parece verificar-se a Oeste do Estreito, desde fases iniciais do processo de neolitização uma recomposição do pacote artefactual dos primeiros grupos neolíticos.

Se a ausência no registo de sítios de base, de "aldeias" ao ar livre, ou de ocupações permanentes em gruta nas quais estejam identificados a totalidade dos componentes do pacote neolítico pode ser uma questão, eminentemente, arqueográfica associada a fases ainda primárias da investigação, a composição dos conjuntos artefactuais das primeiras comunidades neolíticas do Extremo Ocidente peninsular apresenta um conjunto de características que não se enquadram linearmente com a imagem prevista para "colónias cardiais de primeira geração"².

Ao contrário estes grupos, atendendo à baixa percentagem de cerâmicas cardiais e ao domínio dos segmentos, no campo da utensilagem geométrica, aproximam-se, numa lógica mediterrânea, das entidades *Epicardiais*.

Este conceito, inicialmente criado para designar horizontes cronológica e estratigraficamente pós-cardiais, é hoje aplicado a diferentes grupos neolíticos que se distinguem dos cardiais por outros atributos que não exclusivamente os cronológicos. A designação adquiriu nestes últimos anos um evidente conteúdo cultural e aplica-se a outros neolíticos

² A questão oscila também em torno da efectiva origem geográfica do Neolítico da fachada atlântica. As rotas africanas que neste momento dificilmente ultrapassam um lugar de nota de rodapé poderão no futuro ocupar um lugar central neste debate (Marchand, 2001, p. 77; Bernabeu Aubán in Carvalho, 2003, p. 99 e Carvalho, 2003, p. 138).

antigos do Mediterrâneo ocidental (Van Willigen, 1999; Manen, 2002; Juan-Cabanilles e Martí Oliver, 2002), onde a participação do substrato indígena tem sido avançada como justificação para as diferenças detectadas entre estas ocupações genericamente sincrónicas (Bernabeu Aubán, 2002).

De acordo com os dados disponíveis pode concluir-se que a difusão démica não gera necessária e unicamente dualidade cultural e espacial, mas pode dar origem a cenários de evidente mestiçagem cultural, o que justificaria algumas das “anomalias” presentes no registo criado pelas primeiros grupos neolíticos do actual território português.

Se, no Extremo Ocidente da Península, os “indígenas” não foram os agentes únicos deste processo, os “colonos neolíticos” na fachada atlântica parecem, precocemente, ter adoptado elementos da tradição mesolítica local.

4. Uma leitura alternativa: a neolitização por Fusão Diferencial

A análise da evidência empírica relativa ao Neolítico antigo do actual território português, ou, atendendo ao multiculturalismo existente ao longo desta etapa, do registo disponível para o período compreendido entre os meados do 6.º e o primeiro quartel / / meados do 5.º milénios cal BC, demonstra que a interacção cultural entre “indígenas” e “colonos” não é um fenómeno tardio, como estaria documentado no concheiro das Amoreiras, mas que a criação de realidades miscigenadas como a detectada no sítio da Valada do Mato pode ter ocorrido desde fases iniciais do processo de neolitização, como foi também recentemente admitido por J. L. Cardoso (in Carvalho, 2003, p. 105) e J. Zilhão (in Carvalho, 2003, p. 116).

Em função dos dados existentes, os modelos interpretativos que concebem um processo de neolitização essencialmente unimodal, assentes em agentes únicos, sejam estes indígenas ou exógenos, parecem menos adequados para explicar o mosaico cultural que caracteriza o Neolítico antigo, no actual território português.

Defende-se, em alternativa, que a difusão démica, que se considera um mecanismo catalizador do processo de neolitização, terá dado origem a uma multiplicidade de acções e reacções, que apelidamos de *Fusão Diferencial*.

A diversidade de casos detectados no registo sugere que após a entrada de elementos exógenos responsáveis pela introdução da cerâmica, pedra polida, animais domésticos e eventualmente agricultura cerealífera, a resposta das populações indígenas de caçadores-recolectores não é uniforme, e o processos de neolitização pode adquirir contornos mais ou menos aleatórios (Jorge, 1999; Sanches, 2003), porque os condicionalismos

específicos do seu desenvolvimento dependem não só dos contextos de partida, mas também dos de chegada (Valera, 2002).

Se os fenómenos de aculturação activa, que consistem na adopção de componentes do pacote neolítico em sítios mesolíticos, estão mal documentados no registo, reflectindo uma postura conservadora por parte dos grupos de caçadores-recolectores estabelecidos nas suas áreas tradicionais, a análise dos conjuntos artefactuais dos grupos neolíticos demonstra que os intercâmbios entre estes grupos reflectem-se com maior expressividade no sistema material dos grupos forâneos.

Os factores de convergência que se detectam ao nível das indústrias de pedra lascada produzidas por “mesolíticos” e “neolíticos”, e a diluição da norma cardial podem ser consequência de precoces processos de *aculturação passiva* (Juan-Cabanilles e Martí Oliver, 2002, p. 67-68), e da incorporação de informação e de elementos indígenas em grupos neolíticos (Bogucki, 2000, p. 212), que contribuem para a reformulação dos sistemas originais.

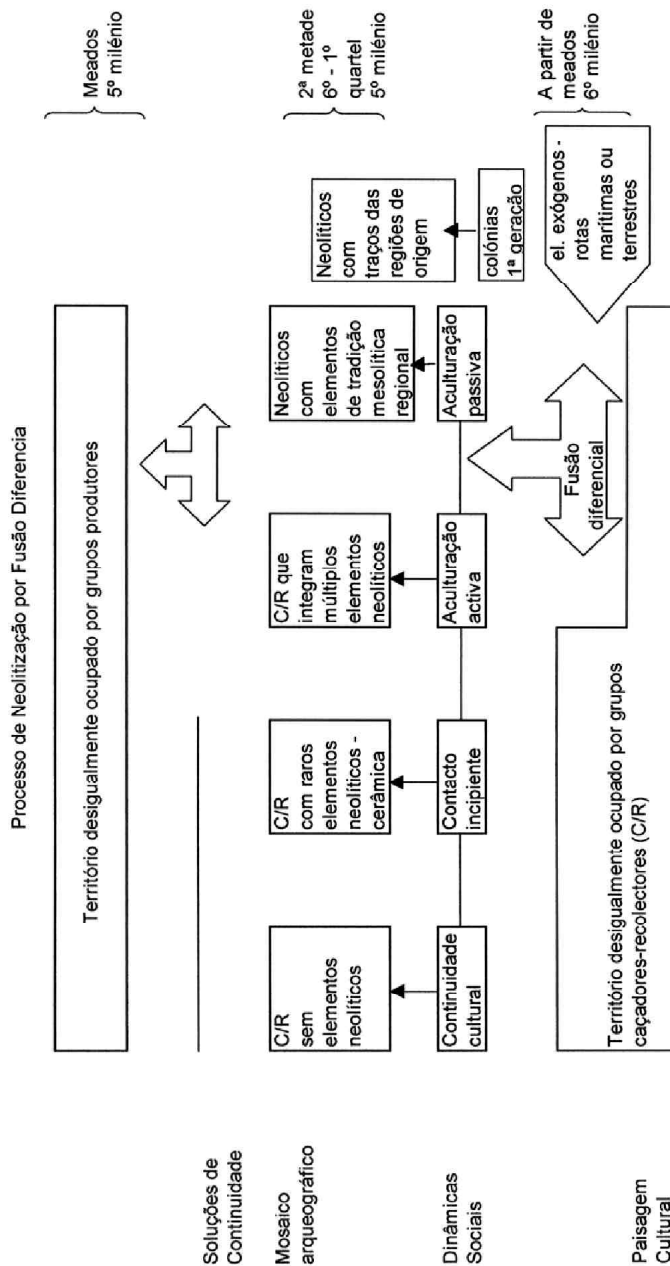
A partir de meados do 6.º milénio cal BC estão presentes no actual território português dois sistemas culturais distintos que no quadro de um diálogo durável (Jeunesse, 1999, p. 460) interagem de forma diferencial criando uma paisagem social diversificada e um registo arqueográfico pouco homogéneo.

A presença simultânea de dinâmicas sociais alternativas admite múltiplos cenários onde podem ser detectados, no limite, esquemas de ruptura ou de continuidade cultural, e em planos intermédios, contactos incipientes, fenómenos de aculturação activa ou de aculturação passiva.

E, podem detectar-se, no Ocidente Peninsular, sobre o registo disponível para o primeiro quartel do 5.º milénio cal BC, as consequências arqueográficas destes diferentes mecanismos sociais.

Um cenário de continuidade cultural, interrompido por contactos incipientes ou por débeis processos de aculturação activa está documentado, por exemplo, no concheiro sadino das Amoreiras, uma escassa incorporação de elementos indígenas parece caracterizar os grupos neolíticos da Estremadura, como se observa em S. Pedro de Canaferrim, e os fenómenos de miscigenação cultural, presumivelmente assentes em processos de aculturação passiva, estariam na origem de realidades como as detectadas na Valada do Mato.

A preponderância de um mecanismo social, sobre outros possíveis, não possui, portanto, um valor universal, mas deve ser aferida após a leitura dos dados empíricos, uma vez que a Fusão dos diferentes componentes possui ritmos, rotas e intensidades Diferenciadas.



Bibliografia

- AMMERMAN, A. J.; CAVALLI-SFORZA, L. L. (1973) – A population model for the diffusion of early farming in Europe. In RENFREW, C., ed. – *The Explanation of Cultural Change*. Londres: Duckworth, p. 343-357.
- ARNAUD, J. M. (1987) – Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*. Porto. 15, p. 53-64.
- ARNAUD, J. M. (2000) – Os concheiros mesolíticos do vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos pré-históricos e na actualidade). In *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 21-43 (Trabalhos de Arqueologia, 14).
- AUBRY, T.; FONTUGNE, M.; MOURA, M. H. (1997) – Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique Supérieur et les apports de la séquence holocène a l'étude de la transition Mésolithique / Néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 94: 2, p. 182-190.
- BERNABEU AUBÁN, J. (1989) – *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Península Ibérica*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica (Trabajos Varios de Servicio de Investigación Prehistórica, 86).
- BERNABEU AUBÁN, J. (2002) – The Social and Symbolic Context of Neolithization. In BADAL, E., BERNABEU, J., MARTÍ, B., eds. – *El paisaje en el Neolítico mediterráneo*. Valencia: Universidad de Valencia, p. 209-233 (Saguntum – Extra; 5).
- BINDER, D.; BROCHER, J.-E.; DUDAY, H.; HELMER, D.; MARINVAL, P.; THIÉBAULT, S.; WATTEZ, J. (1993) – L'Abri Pendimoun à Castellar (Alpes-Maritimes): nouvelles données sur le complexe culturel de la Céramique Imprimée Méditerranéenne dans son contexte stratigraphique. *Gallia Préhistoire*. 35, p. 177-251.
- BOGUCKI, P. (2000) – How agriculture came to North-Central Europe. In PRICE, T. D., ed. – *Europe First's Farmers*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 197-218.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. (2003) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres): contribuição para o estudo da neolitização do Algarve. In GONÇALVES, V., ed. – *"Muita gente, poucas antas?" Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 23-43 (Trabalhos de Arqueologia, 25).
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F.; NORTON, J. (1998) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológica-cultural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 16, p. 55-96.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144
- CARVALHO, A. F. (1998a) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa): Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Edições Colibri (Textos Monográficos, 2).
- CARVALHO, A. F. (1998b) – O Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 2, p. 39-72.
- CARVALHO, A. F. (1999) – Os sítio de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2: 1, p. 39-70.

CARVALHO, A. F. (2002) – Current Perspectives on the Transition from the Mesolithic to the Neolithic in Portugal. In BADAL, E., BERNABEU, J., MARTÍ, B., eds. – *El paisaje en el Neolítico mediterráneo*. Valencia: Universidade de Valencia, p. 235-250 (Saguntum – Extra; 5).

CARVALHO, A. F. (2003) – A emergência do Neolítico no actual território português: pressupostos teóricos, modelos interpretativos e a evidência empírica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 21, p. 65-150.

CORRÊA, A. M.; TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, (Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal).

DINIZ, M. (2000) – As comunidades neolíticas no Interior Alentejano: uma leitura cultural e cronológica. In *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica. Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, 3, p. 23-33.

DINIZ, M. (2001) – Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 111-113.

DINIZ, M. (2004) – *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior Sul de Portugal*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa (policopiada).

FORTEA PEREZ, J.; MARTÍ OLIVER, B.; JUAN-CABANILLES, J. (1987) – La industria lítica tallada del Neolítico antiguo en la vertiente mediterránea de la Península Ibérica. *Lucentum*. Alicante. 6, p. 7-22.

GIBAJA BAO, J.; CARVALHO, A. F.; DINIZ, M. (2002) – Traceologia de peças líticas do Neolítico antigo do Centro e Sul de Portugal: primeiro ensaio. In CLEMENTE, I.; RISCH, R.; GIBAJA, J., eds. – *Análisis Funcional: su aplicación al estudio de sociedades prehistóricas*. Oxford: British Archaeological Reports, 1073, p. 215-226.

GOMES, M. V. (1994) – Menires e Cromleques no complexo cultural megalítico português: trabalhos recentes e estado da questão. In *Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, p. 317-342 (Estudos Pré-históricos, 1).

GONÇALVES, V. S. (1978) – Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 28-29, p. 147-162.

GONÇALVES, V. S.; GUILAINE, J.; ARRUDA, M.; BARBAZA, M.; COULAROU, J.; GEDDES, D. (1987) – Le Néolithique ancien de l'Abri de Bocas I (Rio Maior, Portugal). In *Premières communautés paysannes en méditerranée occidentale*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 673-680.

GUILAINE, J. (2000) – De l'Orient à l'Occident: La néolithisation de la méditerranée. Questions ouvertes. In *La Neolitizzazione tra Oriente e Occidente*. Udine: Museo Friulano di Storia Naturale, p. 11-21.

GUILAINE, J.; FERREIRA, O. V. (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67: 1, p. 304-322.

JEUNESSE, C. (1999) – Le Néolithique ancien danubien. In *¹⁴C et Archéologie*. Paris: Société Préhistorique Française, p. 459-461 (Mémoires de la Société Préhistorique Française, 26).

JORGE, S. O. (1979) – Contributo para o estudo de materiais provenientes de estações neolíticas dos arredores da Figueira da Foz. In *O Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 53-81 (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 3).

JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a terra*. Lisboa: Gradiva.

- JUAN-CABANILLES, J. (1984) – El utillaje neolítico en sílex del litoral mediterráneo peninsular. *Saguntum*. Valencia. 18, p. 49-102.
- JUAN-CABANILLES, J. (1985) – El complejo epipaleolítico geométrico (Facies Cocina) y sus relaciones con el Neolítico antiguo. *Saguntum*. Valencia. 19, p. 930.
- JUAN-CABANILLES, J. (1990) – Substrat épipaléolithique et néolithisation en Espagne: apport des industries lithiques à l'identification des traditions culturelles. In CAHEN, D.; OTTE, M., eds. – *Rubané et Cardial. Actes du Colloque de Liège*. Liège: Service de Préhistoire de la Université de Liège, p. 417-435.
- JUAN-CABANILLES, J.; MARTÍ OLIVER, B. (2002) – Poblamiento y procesos culturales en la Península Ibérica del VII al V milenio AC. (8000-5500 BP): una cartografía de la neolitización. In BADAL, E., BERNABEU, J., MARTÍ, B., eds. – *El paisaje en el Neolítico mediterráneo*. Valencia: Universidade de Valencia, p. 45-87 (*Saguntum* – Extra; 5).
- KUNZIG, R. (2002) – *La Marmotta*. <http://www.discover.com/nov-02/featmarmotta.html> (consulta: 22-07-2003).
- MANEN, C. (2002) – Structure et identité des styles céramiques du Néolithique ancien entre Rhône et Èbre. *Gallia Préhistoire*. Paris. 44, p. 121-165.
- MARCHAND, G. (2001) – Les traditions techniques du Mésolithique final dans le sud de Portugal: les industries lithiques des amas coquilliers de Várzea da Mó et de Cabeço do Rebolador (fouilles M. Heleno). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 47-110.
- PAÇO, A.; VAULTIER, M.; ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Gruta da Nascente do Rio Almonda. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11, p. 171-203.
- SANCHES, M. J. (2003) – Sobre a ocupação do Neolítico inicial no Norte de Portugal. In GONÇALVES, V. S., ed. – *“Muita gente, poucas antas?” Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 155-179 (*Trabalhos de Arqueologia*, 25).
- SÉNÉPART, I. (2000) – *Le Baratin, Courthezón (Vaucluse): Rapport de fouilles 2000*. <http://perso.wanadoo.fr/onaiel/baratin/rapport/textes/rapport00.htm> (consulta: 22-07-2003).
- SILVA, C. T. (1989) – Novos dados sobre o Neolítico antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto. 20, p. 24-32.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferri, Sintra*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 12).
- SIMÕES, T. (2003) – A ocupação do Neolítico antigo de S. Pedro de Canaferri: novos dados em perspectiva. In GONÇALVES, V. S., ed. – *“Muita gente, poucas antas?” Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 115-134 (*Trabalhos de Arqueologia*, 25).
- SOARES, A. M. (1993) – The ¹⁴C Content of Marine Shells: Evidence for variability in Coastal Upwelling off Portugal during the Holocene. In *Isotope Techniques in the Study of Past and Current Environmental Changes in the Hydrosphere and the Atmosphere*. Viena: International Atomic Energy Agency, p. 471-485.
- SOARES, J. (1996)[2003] – Para a reconstrução do processo de neolitização em Portugal. *Ophiussa*. Lisboa. 0, p. 39-50.
- SOARES, J. (1997) – A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste portuguesa. In RODRÍGUEZ CASAL, A., ed. – *O Neolítico atlântico e as orixes do Megalitismo*. Santiago de Compostella: Universidad de Santiago de Compostella, p. 587-608.

SOARES, J.; SILVA, C. T. (2003) – A transição para o Neolítico na Costa Sudoeste portuguesa. In GONÇALVES, V. S., ed. – “*Muita gente, poucas antas?*” *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 45-56 (Trabalhos de Arqueologia, 25).

VALERA, A. (2002) – Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego, a propósito de um novo contexto: a Quinta da Assentada, Fornos de Algodres. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 10 (no prelo).

VAN WILLIGEN, S. A. (1999) – l'Epicardial et la néolithisation de la France méditerranéenne. *Actes del II Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Valencia: Universidade de Valencia, p. 571-581 (Saguntum – Extra; 2).

ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão: O Neolítico antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia 6).

ZILHÃO, J. (1993) – The Spread of Agro-Pastoral Economies across Mediterranean Europe: a view from the Far West. *Journal of Mediterranean Archaeology*. Sheffield. 6: 1, p. 5-63.

ZILHÃO, J. (1997) – Maritime Pioneer Colonisation in the Early Neolithic of the west Mediterranean: testing the model against the evidence. *Poročilo o raziskovanju paleolitika, neolitika in eneolitika v Sloveniji*. Ljubljana. 24, p. 19-42.

ZILHÃO, J. (1998) – A passagem do Mesolítico ao Neolítico na Costa do Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 1, p. 27-44.

ZILHÃO, J. (2000) – From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula. In PRICE, T. D., ed. – *Europe First's Farmers*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 144-182.

ZILHÃO, J. (2001) – Radiocarbon Evidence for Maritime Pioneer Colonization at the Origins of Farming in West Mediterranean Europe. *Proceedings of the National Academy of Sciences USA*. Washington. 98, p. 14180-14185.

ZILHÃO, J.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (1991) – A arqueologia da gruta do Almonda: Resultados das escavações de 1988-89. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 161-171.

